

PROTEU E TELECO, O COELHINHO: RELAÇÕES IDENTITÁRIAS ENTRE O MITO E O CONTO FANTÁSTICO.

Aldenora Márcia C. Pinheiro Carvalho
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

1. Murilo Rubião e o conto fantástico.

Publicado no livro *Os dragões e outros contos* em 1965, o conto *Teleco, o coelhinho*, do escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991), apresenta com perspicácia um aspecto irreal da existência do homem, a possibilidade de transformação da forma humana em diversas outras formas. Considerado o primeiro contista a inserir o fantástico na literatura brasileira, a obra de Murilo Rubião permaneceu no ostracismo durante muitos anos. Atualmente não há como suprimir deste escritor quando da leitura de contos fantásticos da literatura brasileira na modernidade.

Para fins didáticos, o gênero fantástico apareceu no final do século XIX sistematizando determinados conflitos decorrentes do desenvolvimento do pensamento filosófico. No Brasil, esse gênero não alcançou apelo editorial e midiático, tampouco fundou tradição por meio dos escritores da chamada literatura brasileira. O fantástico em Rubião pode ser compreendido na sua acepção mais didática, nesse sentido podemos observar o fantástico numa coexistência da realidade com a fantasia. Assim, conforme Samuel (2002) nos referimos ao fantástico “que se faz a partir da noção de realidade, tomada como hipótese falsa, a que dá uma aura de incerteza e de que não tem nenhuma explicação satisfatória”. (op.cit. p.36). Essa é, sem dúvida, a principal fonte estilística do escritor mineiro Murilo Rubião.

Foi na década de setenta com a reedição do livro de contos *O Pirotécnico Zacarias*, que Rubião passou a ser conhecido para o público leitor e conseqüentemente distribuído pelo mercado editorial. Como característica, o autor apresenta em vários aspectos um estilo vanguardista principalmente no que tange à ausência de um engajamento aos movimentos e estéticas literárias vigentes no Brasil à época de sua produção. Por extensão, dado o caráter temático de seus contos, não há como deixar de associá-lo aos hispano-americanos Cortázar (1914-1984), Borges (1899-1986) e Márquez (1927) que exploraram o “realismo mágico” na literatura modernista do século XX.

O conto *Teleco, o coelhinho*, narra a história de um animal, inicialmente um coelho cinzento que se metamorfoseia em diversos outros bichos supostamente pelo simples desejo de agradar ao próximo. No conto, Rubião apresenta ao leitor, a personagem Teleco, um coelhinho, que transgredindo a exclusividade da fala e da identidade humana, interage em vários planos com o narrador, o colecionador de selos que conheceu na praia. Sem nome e sem história, o narrador-personagem conta a trajetória da vivência com Teleco, desde o encontro na praia, passando pela rotina inusitada das inúmeras metamorfoses até o desfecho irreal e comovente. Essa característica é nas palavras de Coelho (2004)

Sem dúvida, a mescla do real cotidiano ao fantástico (que é a constante destes contos) apresentada de maneira tão direta, simples e objetiva, é o primeiro elemento a arrancar o leitor de sua acomodada visão normal para atirá-lo, em seguida, a um insólito mundo, com todas as características aparentes daquele tão seu conhecido, no dia-a-dia; onde, porém, de repente parece faltar-lhe o chão aos pés, pois as coisas mais inverossímeis começam a acontecer, sem que ninguém ali se sinta perturbado ou se dê conta do extraordinário que aquilo representa. (COELHO, 2004, p. 66)

Subjacente a todos esses aspectos, encontra-se a possibilidade de associar num mesmo plano de análise, a identidade de Teleco e o mito de Proteu, uma vez que ambos apresentam uma característica em comum que é a não-fixidez da identidade, ou seja a metamorfose. Para tanto, buscaremos os pressupostos teóricos sobre identidade trabalhados por Hall (2006), as contribuições sobre crítica literária de Schwartz (2004) e Samuel (2002), e, no campo da mitologia, os aspectos essenciais sobre os mitos propostos por Bulfinch (2005) e Eliade (2010), e, no campo literário, o próprio contista Rubião (1998). Objetivamos assim, investigar as ligações da mitologia com o aspecto da identidade das personagens.

2. O mito e o conto.

Parece-nos, pertinente afirmar que Murilo Rubião apesar de ser um autor moderno, sob alguns aspectos, permite ao leitor olhar para o mundo antigo. Rubião alcança essa atitude reflexiva no leitor ao fazer uso do tempo cíclico, próprio do padrão de pensamento do homem da antiguidade, anterior ao surgimento do pensamento filosófico. Nessa concepção, o homem antigo acreditava que o mundo trazia em si idades: aparecimento, crescimento e morte, porém, após a morte, haveria um novo nascimento. Os mitos são as representações plásticas dessa configuração cíclica.

Na sua acepção mais comum, o mito é, segundo D'Onofrio (2002), uma espécie de história ficcional sobre divindades, ou seja, são narrativas que foram inventadas pelos homens para explicar a origem das coisas ou justificar alguns padrões de comportamento do próprio homem. O mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio.

Geralmente inscritas numa representação clássica que insiste em permanecer numa esfera sacra, as narrativas míticas despertam variados interesses. Na realidade sabemos que a maioria das pessoas que se interessa por mitologias, quando observam atentamente os mitos, por curiosidade, para fins de pesquisas ou unicamente por leitura fruição, o fazem principalmente sobre a interpretação dos mitologemas – narrativas míticas. Assim, são poucos aqueles que retomam a leitura dos mitos tal como eram na sua origem, isto é, quase não se conhece inteiramente a tipologia, a estrutura e a função do mito.

Podemos inferir, em termos de redução teórica, que, quando se lê mitos clássicos, estamos perante uma forma simples de narrativa, pois o mito “brota espontaneamente do seio de um povo ainda num estágio primitivo.” (op. cit. p. 106). Dessa forma, é possível conduzir a questão ao fato de que a mitologia e o conhecimento dos mitos atrela-se ao conhecimento de temas e formas ou estruturas simbólicas que dizem respeito a conflitos e motivações essenciais para o homem.

O mito narra como, graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. (ELIADE, 2006, p.11)

Para Eliade (2010), o mito é entendido como uma fala, discurso ou narrativa, como um fenômeno universal que pode fornecer os modelos para o comportamento humano. Assim, é possível elencar diversas tipologias no mito, a saber, o mito de fundação, mito exemplar, os ciclos heroicos, os contos romanescos e os monstros míticos. Sucintamente, nos deteremos à tipologia referente aos monstros míticos, onde poderemos identificar Proteu.

Geralmente, essas histórias que, na origem, eram narrativas de tradição oral, mencionam a existência de monstros que poderiam destruir o homem, infligir castigos ou produzir prodígios. Segundo Bulfinch (2005), essas divindades serviam como desafios para o aperfeiçoamento do homem mortal no seu caminho em direção aos deuses.

Assim, esses seres serviam para o mortal reconhecer a forma de aprender a lidar com as forças primordiais. Geralmente esses monstros, na linguagem da mitologia, “eram seres de partes ou proporções sobrenaturais, em via de regra, encarados com horror, como possuindo imensa força e ferocidade, que empregavam para perseguir e prejudicar os homens.” (op. cit. p.150). Para efeito de classificação e apresentação em linhas gerais, como exemplo dessa tipologia, temos: as Górgonas, o Minotauro, as Fiandeiras e Proteu – o guardador dos rebanhos marinhos de Poseidon, o deus dos mares para os gregos.

Observamos ainda, por meio do panteão grego, outros monstros míticos. Consideramos também que, o mais surpreendente nessas figuras mitológicas é, sem dúvida, o caráter e a natureza ambígua. Nesse sentido, podemos questionar sobre a natureza destes seres que ora se apresenta divina, porém maléfica, ora primordial e animalesca, porém dotada de características e sentimentos humanos. Ambiguidades essas que servem para despertar ainda mais o espírito investigativo a respeito dos relatos míticos dos tempos antigos.

Já o conto *Teleco, o coelhinho*, é inverossímil quanto ao discurso narrativo, mas verossímil enquanto narrativa do gênero fantástico. Abordando a temática da animalização e da tentativa de humanização do coelhinho, o conto apresenta como argumento central as metamorfoses de Teleco. O percurso linear com o qual Rubião narra a estória faz surgir do texto uma mensagem muito pertinente ao leitor, a de que o mundo manifesta uma brutal animalidade para com o ser humano forçando-o a tornar-se bestial em função de ser aceito na sociedade que, invariavelmente, se configura hipócrita e desigual para com esse indivíduo.

O conto apresenta uma sequência de ações que são impossíveis para a compreensão da realidade, mas o texto é apresentado de forma lógica que faz o leitor aceitar o irreal como sendo real a partir das várias identidades assumidas por Teleco. O coelhinho faz parte de uma realidade absurda, mas essa realidade, quando veiculada a realidade social admissível, permite que ele passe a experimentar da sociedade tal como ela é. Dentro dessa configuração ele se metamorfoseia para ser aceito pelos outros indivíduos que o rodeiam. Segundo Schwartz (2004):

Em Murilo Rubião, o fantástico está no cotidiano. Ausência de rupturas bruscas na sequência narrativa ou de efeito de suspense no leitor. Acontecimentos referencialmente antagônicos e inconciliáveis conciliam-se tranquilamente pela organização da linguagem. Dragões, coelhos e cangurus falam, mas não há mais o clássico “enigma” a ser desvendado no final. (SCHWARTZ, 2004, p. 08)

Essa alternância dos planos da realidade e da fantasia perpassa toda a narrativa sem, contudo, encerrar uma noção definitiva sobre um determinado fato que se pensa real. Nessa acepção, a diferença entre o racional e o irracional não desempenha nenhum papel uma vez que se cria uma lógica paralela. Assim, o conto de Rubião resvala tanto na realidade, uma vez que narra uma estória no plano lógico linear, quanto na fantasia por seu caráter irreal e insólito.

A ausência de fixidez da identidade é o tema que permite estabelecer uma relação de aproximação entre o mito de Proteu e a personagem Teleco de Rubião. Para tanto recorremos a Hall (2010), que apresenta algumas noções a respeito da formação da identidade dos indivíduos.

3. Sobre identidades e identificações.

A noção de identidade na modernidade tardia pode ser compreendida a partir de sua complexidade, uma vez que vincula diferentes acepções acerca do indivíduo e de suas relações com a sociedade. Nesse sentido, e, partindo do conceito de identidade pode-se afirmar que, todos os debates e questionamentos sobre identidade estão cada vez mais dilatados e fluídos, logo, sem fronteiras definidas.

Nessa acepção, os questionamentos percorrem diversos caminhos que vão do sociológico ao antropológico, do político ao cultural, do literário ao existencial sem, contudo, assumir uma definição comum que permita autenticar a ideia de haver uma identidade fixa, ou seja, uma identidade que abarque a totalidade de sujeitos pertencentes a uma sociedade. Dessa maneira surge um cenário muito representativo da modernidade tardia, isto é, na contemporaneidade é comum assumir uma concepção de identidades plurais, ou mesmo identificações, porém, todas essas possibilidades e conceitos apresentam comumente um caráter transitório.

Stuart Hall (2006) propõe três concepções do sujeito para descrever a evolução do conceito de identidade: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Assim, na concepção iluminista o sujeito seria visto como indivíduo centrado, dotado de razão, consciente de sua ação, sendo o centro do eu, sendo que tal centro consiste “num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolve, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo”. (op. cit. p. 11)

Já na concepção de sujeito sociológico o centro do eu passa a ser formado na relação com outras pessoas isto é, a identidade é formada por meio da interação entre o eu e a sociedade, assim, “o eu projeta a si mesmo na identidade cultural, ao mesmo tempo em que a internaliza” (op. cit. p. 21) e, dessa forma o sujeito fica preso a estrutura. Na concepção de sujeito pós-moderno o indivíduo não apresenta uma identidade fixa, variando de acordo com as formas pelas quais cada indivíduo é representado nos sistemas culturais.

Dessa forma, visto como um ser fragmentado, aquele que não apresenta uma identidade fixa, essencial ou permanente, o sujeito pós-moderno adquire identidades diferentes de acordo com o momento em que vive. Para Hall, o sujeito está formado por identidades contraditórias e, assim, as identificações estão continuamente sendo deslocadas em função de elementos nacionais, culturais, de gênero, classe social, de posição religiosa e de várias outras identificações que formam o sujeito fragmentado da nossa era.

Consideramos ainda que a noção de identidade estabelece várias outras discussões dentro de um mesmo plano, porém, a diferença entre identidade nacional e identidade cultural não será abordada neste artigo, uma vez que nos interessa exclusivamente conceito de identidade num sentido restrito.

4. Teleco e Proteu: identificações entre o conto e o mito

Rubião (1998) inicia a narrativa de *Teleco, o coelhinho*, quando este conhece um colecionador de selos na praia. Teleco surge no mar, e o mar é segundo a tradição simbólica, sinônimo da evolução da vida, da beleza e do fascínio da existência, podendo também significar purificação do ser. Teleco, na forma de um coelhinho interpela o colecionador de selos que também observa o mar, e, a partir desse breve encontro vão morar juntos.

- Moço, me dá um cigarro?

A voz era sumida, quase um sussurro. Permaneci na mesma posição em que me encontrava, frente ao mar, absorvido com ridículas lembranças.

O importuno pedinte insistia:

- Moço, oh! moço! Moço, me dá um cigarro?

Ainda com os olhos fixos na praia, resmunguei:

- Vá embora, moleque, senão chamo a polícia.

- Está bem, moço. Não se zangue. E, por favor, saia da minha frente, que eu também gosto de ver o mar. (RUBIÃO, 1998, p. 143)

Semelhantemente, Proteu apresenta uma relação imediata com a água. Ele é uma divindade marinha. Considerado pela tradição grega filho de Poseidon e Tétis, Proteu era um deus avesso à convivência com outros seres e pai de dois monstros míticos chamados Tmolo e Telégono que são comumente associados à crueldade. Quanto à descrição do mito de Proteu, Commelin (2000), afirma que ele era uma espécie de guardião dos rebanhos de Poseidon, isto é, era Proteu que cuidava dos peixes, focas e demais seres que pertenciam ao deus dos oceanos e mares. Segundo Commelin (2000), “para recompensá-lo pelos cuidados que tinha para com eles, Netuno dera-lhe o conhecimento do passado, do presente e do futuro. Mas não era fácil abordá-lo, e ele se recusava aos que vinham consultá-lo. (op. cit. p. 116)

Teleco e Proteu apresentam uma aproximação identitária no que se refere ao surgimento. Ambos nascem, ou aparecem a partir do mar. Ainda que guardem determinadas variáveis que, identifica Teleco como um indivíduo carente enquanto Proteu aparentemente rejeita a convivência, os dois sustentam a unidade identitária da origem – o mar. O outro importante atributo que relaciona Teleco a Proteu é a capacidade de metamorfose.

No início do conto as metamorfoses de Teleco são perpetradas por travessuras e se caracterizam pela diversão, isto é, a princípio, “não simpatizava com alguns vizinhos, entre eles o agiota e suas irmãs, aos quais costumava aparecer sob a pele de leão ou tigre. Assustava-os mais para nos divertir que por maldade”. (RUBIÃO, 1998, p.145). Nesse aspecto, a metamorfose é o principal elemento de comparação entre Teleco e Proteu.

No conto muriliano o conflito central aparece quando Teleco encontra uma mulher chamada Teresa e a leva para morar com ele na casa do colecionador de selos. Teleco metamorfoseia-se em canguru, porém, assume a identidade de um homem chamado Antônio Barbosa. Nesse período, o colecionador de selos, amigo de Teleco, apaixonou-se por Tereza e a pede em casamento, porém é rejeitado. Rubião narra esse episódio que marcará o fim da amizade entre ambos.

Sem dúvida, linda. Durante a noite, na qual me faltou o sono, meus pensamentos giravam em torno dela e da cretinice de Teleco em afirmar-se homem.

Levantei-me de madrugada e me dirigi à sala, na expectativa de que os fatos do dia anterior não passassem de mais um dos gracejos do meu companheiro. Enganava-me.

Deitado ao lado da moça, no tapete do assoalho, o canguru ressonava alto. Acordei-o, puxando-o pelos braços:

_ Vamos, Teleco, chega de trapaça.

_ Teleco? Meu nome é Barbosa, Antônio Barbosa, não é Tereza?

(RUBIÃO, 1998, p. 147)

Interessa-nos observar que Teleco metamorfoseia-se em canguru, mas a identidade que assume é a de um homem. Nessa acepção, recorreremos a Hall (2006) que fala sobre o atravessamento de variadas categorias e antagonismos na sociedade tardia por meio da alteração das identidades. Dessa forma temos proposto que a identidade “muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. (op. cit. p. 21).

Observa-se que tanto Teleco quanto Proteu recusam a identidade particular – divindade/animal – e tentam escapar da esquematização identitária. Nessa configuração Proteu não aceita a incumbência de ter que professar o futuro e, para livrar-se desse encargo, metamorfoseia-se em vários outros seres para fugir dessa obrigação. Commelin (2000) descreve a maneira pela qual Proteu era obrigado a falar.

Idotéia disse a Menelau que, para decidi-lo falar, era preciso surpreendê-lo durante o sono e amarrá-lo de maneira que não pudesse escapar, porque assumia todo tipo de formas para espantar os que dele se aproximavam: a de um leão, de um dragão, de um leopardo, de um javali. Às vezes metamorfoseava-se em árvore, em água e até em fogo. (COMMELIN, 2000, p. 116)

No percurso do mito, Menelau que precisava assegurar-se das passagens do porvir, seguiu as orientações da ninfa Idotéia, e surpreendeu Teleco no meio do dia quando este repousava em uma gruta com os rebanhos de Poseidon. Nesse episódio, “Menelau e seus três companheiros pularam em cima dele e o apertavam firmemente entre os braços”. (op. cit. p. 116).

Seguramente, Teleco e Proteu apresentam identidades paradoxais, pois recusam o principal aspecto que essa identidade supostamente pode oferecer a ambos. Observa-se nesse aspecto que a prerrogativa da metamorfose poderia ser conveniente ou não. Principalmente no conto de Rubião, quando, por exemplo, Teleco assombrava o agiota metamorfoseado em leão.

Retomando a narrativa muriliana, certa vez ao chegar à casa, o colecionador de selos surpreendeu Tereza e Barbosa – canguru/homem – dançando juntos uma música indecente. Num ímpeto de revolta, e, tomado por ciúmes, o dono da casa retesou Teleco pela gola e o arrastou até o espelho na tentativa de este reconhecesse que era um animal.

_ É ou não é um animal?
 _ Não, sou um homem! – E soluçava, esperneando, transido de medo pela fúria que via nos meus olhos.
 À Tereza, que acudira, ouvindo seus gritos, pedia:
 _ Não sou um homem, querida? Fala com ele:

_ Sim, amor, você é um homem.
 Por mais absurdo que se parecesse, havia uma trágica sinceridade na voz deles. Eu me decidira, porém. Joguei Barbosa ao chão e lhe esmurrei a boca. Em seguida, enxotei-os. (RUBIÃO, 1998, p. 150)

Na sequência, Tereza e Teleco, que são expulsos da casa do colecionador de selos, passam a viver à custa do sucesso circense que é o próprio Teleco. Agora são as metamorfoses de Teleco que garantem o sustento do casal, e, a partir da exploração desse atributo, o coelhinho cinzento do início do conto começa a dissipar-se e volta à casa do colecionador de selos, fustigado pela exploração que sofrera no circo. Depois de alguns dias enfermo e muito debilitado, “perdurava o mesmo caos. Pelos cantos a tremer, Teleco se lamuriava, transformando-se seguidamente em animais os mais variados. Gaguejava muito e não podia alimentar-se”. (op. cit. p. 152).

Teleco que passara a vida num constante processo de metamorfose termina seu ciclo “crescendo e diminuindo, conforme o bicho que encarnava na hora”. (op. cit. 152). A narrativa de Rubião apresenta a fim de Teleco na mesma perspectiva do início do conto e o leitor se dá conta que o ciclo está apenas reiniciando-se.

Ante a minha impotência em diminuir-lhe o sofrimento, abraçava-me a ele, chorando. O seu corpo, porém, crescia nos meus braços. [...] Não mais falava: mugia, crocitava, zurrava, guinchava, bramia, trissava. [...] Na última noite, apenas estremecia de leve, e aos poucos, se aquietou. Cansado pela longa vigília, cerrei os olhos e adormeci. Ao acordar, percebi que uma coisa se transformara nos meus braços. No meu colo estava uma criança encardida, sem dentes. Morta. (RUBIÃO, 1998, p. 152)

O mito aponta que Proteu também definhava quando era obrigado a fazer profecias. No mito que narra a armadilha arquitetada por Menelau para obrigar Proteu a falar, quando ele “esgotou todas as suas astúcias, tornou à sua forma normal e deu a Menelau os esclarecimentos que lhe pedia”. (COMMELIN, 2000, p. 116). Observa-se que a sucessão das metamorfoses desencadeia uma espécie de esgarçamento das identidades. Ou seja, segundo as contribuições de Hall (2006), podemos inferir que não há em Teleco e Proteu uma identidade inteiramente unificada, segura e coerente.

Algumas considerações.

Numa tentativa de estabelecer relações de aproximação entre o conto fantástico de Murilo Rubião e o mito de Proteu, intentamos identificar neste artigo as relações identitárias entre as personagens centrais: Teleco e Proteu. Nota-se que no conto *Teleco*,

o coelhinho, de Rubião, o leitor é tomado por uma impressão de irrealidade, alimentada pelo narrador.

Observamos que a temática da metamorfose tanto no conto fantástico quanto no mito, enfocam uma possibilidade de vivência do real fora do plano da realidade. Ou seja, o que desperta o fascínio do leitor pelo fenômeno personificado no coelhinho, é especificamente, a possibilidade de este apontar uma existência irreal que se apresenta narrada e vivida como real. Schwartz (2004) contribui com as inferências até aqui apresentadas, mencionando uma crítica elaborada por Mário de Andrade, sobre a obra de Murilo Rubião, afirmando que “ele possuía o mesmo dom de um Kafka. A gente não se preocupa mais, é preso pelo conto, vai lendo e aceitando o irreal como se fosse real, sem nenhuma reação mais”. (op. cit. p. 08).

Proteu e Teleco são em última análise as representações do esgarçamento das identidades num plano da vivência na sociedade. Na medida em que Teleco e Proteu se representam e se metamorfoseiam são confrontados por uma variedade de identidades possíveis, sem, contudo estabelecer relações de identificações. Nesse aspecto, são personagens de marcas identitárias temporárias e contraditórias, identificáveis apenas no plano da leitura literária. Função que o leitor exerce com fascínio e veledade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. 32ªed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus: Mitologia ocidental**. 2ªed. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **A ideia de cultura**. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- GRENIER, Christian. **Contos e lendas dos heróis da mitologia**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HESÍODO. **Teogonia: A origem dos deuses**. 4ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2001. 166 p.
- SALIS, Viktor. **Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar**. 1ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- SCHWARTZ, Jorge. **O fantástico em Murilo Rubião**. Revista Planeta: São Paulo. número 25, 2004.
- VERNANT, Jean-Pierre e NAQUET, Pierre-Naquet. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- RUBIÃO, Murilo. **Murilo Rubião: contos reunidos**. São Paulo: Ática. 1998.